

## Leitura e Sexualidade em Curitiba no início do século XX

Janaína de Paula do Espírito Santo

“Pois o desejo de ler, como todos os outros desejos que distraem nossas almas infelizes, é capaz de análise”.  
Virginia Woolf, in: “Sir Thomas Browne”, 1923.

Em seu livro, o professor Cláudio DeNipoti, procura estudar as maneiras que os habitantes de uma Curitiba, no início do século, em pleno processo de modernização, inserida, na chamada “belle époque”, percebiam a sexualidade, o casamento e o amor, a partir da análise do que essas pessoas liam na época.

Para tanto, o autor parte dos registros de obras consultadas na Biblioteca Pública do Paraná, procurando, num primeiro momento, entre os livros mais consultados, as diversas representações, científicas e literárias à que os leitores tinham acesso em tais obras. Em seguida, busca estabelecer através das produções literárias desses leitores, as influências que tais obras podem ter tido, em cima das construções dos “leitores-escritores” que chegaram a ser publicadas.

No primeiro capítulo, o autor, a partir de uma personagem, o bibliotecário, nos leva a um “passeio” por essa Curitiba de 1911. Através dessa personagem, vamos “conhecendo” essa cidade; suas paisagens, climas, problemas, concepções sobre si mesma.

Nessa época, a cidade, impulsionada pelo comércio da erva-mate, passava por diversas transformações urbanas, que partem de um crescimento populacional. Além de uma nova concepção arquitetônica, de enfoque espacial, está presente a chamada higienização empreendida pelo poder público, que, ao aliar-se com o saber médico, procura uma normatização do espaço, transformando as ruas nos padrões europeus. As conseqüências dessa empreitada são diversas, e levam a um embate, entre o povo e governo, especulação imobiliária e um deslocamento das classes pobres para longe do centro.

A cidade na época buscava se afirmar enquanto espaço de divertimento. O cinema era um símbolo desse momento, já que representava lazer e modernidade.

Dentro desse quadro, a biblioteca era parte integrante do processo civilizatório que tomou conta de Curitiba no início do século, já que tal construção passava pelas instituições do ensino. Apesar do valor dado a tais instituições, a biblioteca, naquele período estava instalada em uma sala do Liceu paranaense, e estava longe dos ideais de “Biblioteca Pública Do Estado”, e o autor coloca alguns artigos que falam da situação precária do estabelecimento. Ao bibliotecário cabia localizar os livros e entrega-lo ao leitor, além de anotar a data o nome e o livro retirado. É em cima desses levantamentos que se constrói o estudo.

Na época, apenas os homens freqüentavam a biblioteca, pois havia uma proibição para que as alunas do curso normal a freqüentassem. No final do período, surgem as primeiras leitoras, ainda que de forma incipiente. Deste modo, o autor justifica que, embora houvesse a possibilidade de que os leitores levassem livros para suas mães e irmãs, por exemplo, isso é algo que não pode ser contemplado na pesquisa, de forma que, as representações levantadas diziam respeito a um pequeno grupo, masculino e letrado.

No segundo capítulo, o autor, nos apresenta as obras que fazem parte de sua pesquisa. Elas estão divididas em dois grupos básicos: as obras ditas “científicas”, ou médicas, e as obras literárias. Foram escolhidas as obras mais consultadas.

Entre as obras científicas estão “A Geração” do médico francês Pierre Garnier, e “A Higiene do Amor”, de Paolo Mantegazza. Essas obras se inserem em um contexto de reflexão sobre a sexualidade, próprio do fim do século XIX, e embora as obras fossem diferentes entre si, alguns aspectos havia em comum, como a tentativa de estabelecer um controle ao prazer, de garantir o sexo voltado à procriação. Estudava-se as práticas “não naturais”, como o homossexualismo e a masturbação. O celibato também era visto como prejudicial. No caso do prazer feminino, algo que era condenado na época, os autores divergiam, pois Mantegazza, chegava a admiti-lo, salvas as devidas proporções.

As tentativas de controle e higienização da sexualidade passavam por uma visão nacionalista, pois se via no sexo que se destinava à procriação, uma forma de servir a nação, porquanto era através dele que viriam as gerações futuras.

Com relação às obras de ficção, o autor ressalta, que, no século XIX a tônica principal dessas obras era o amor. Nessas obras existia um grande número de informações sobre sexualidade, com a vantagem, que a leitura é uma atividade que não oferece os riscos da situação real.

Para realização da pesquisa, o autor buscou as obras que Aluisio Azevedo, José de Alencar, Manuel de Macedo e Eça de Queirós. Esses eram os autores mais procurados no período. Embora os autores pertençam a escolas literárias diferentes, tenham tido experiências e vidas diferentes, alguns pontos são comuns. O autor considera as obras, a escola literária, o contexto de produção, e a vida dos autores dessas obras.

De uma forma geral, amor e casamento eram relacionados, e o casamento só traria a felicidade com o amor. A família por vezes é exaltada, bem como a honra. Queirós e Aluisio Azevedo divergem dessa abordagem. Nos romances de Queiroz, há uma visão mais crítica da sociedade moderna, incluindo críticas ao clero. O amor, nesse caso estaria ligado ao desejo e livre do romantismo.

Aluisio Azevedo é um representante do naturalismo literário brasileiro. Em suas obras, havia uma procura pelo respaldo científico no relato, e desde modo, ele procurava retratar os aspectos mais sombrios da sexualidade humana. Seus personagens eram levados pelo desejo, que se não satisfeito, os tornava infelizes. Na busca dessa satisfação não existiam limites. Azevedo fala da histeria feminina, na procura de satisfação dos desejos

acima de qualquer preço, nas manifestações de sexualidade da “classes marginais”, da prostituição e traição, etc.

O autor coloca que esse “corpus” de obras nos permite fazer uma idéia do tipo de informações que um determinado grupo poderia ter acesso com relação às diversas esferas da sexualidade.

Em uma tentativa de apreender como tais representações podem ter influenciado as pessoas que as buscavam, DeNipoti, no terceiro capítulo, procura, nas obras de alguns desses leitores suas construções sobre o assunto. Nesse período, em Curitiba, há uma efervescência cultural que traz um grande número de publicações locais. Novamente, nesse ponto, há diferentes posicionamentos e visões. De um modo geral, o casamento era visto como um passo sério, a paixão como um elemento de “emburrecimento” das pessoas. E o amor puro, que deveria ser procurado era único. Qualquer casamento que ocorresse longe desse amor seria um “erro” pois só traria infelicidades. Dessa forma, amor e casamento apareciam fortemente ligados. Um dependia do outro. Em algumas obras, o casamento e o amor aparecem dissociados, e às vezes o casamento é visto como a morte desse amor. Forte também é a visão do casamento como um fim da liberdade e da sexualidade, e, portanto, algo a ser evitado. Dessa forma, a felicidade seria antônima a essa instituição.

O anticlericalismo está presente em algumas produções. Novamente aqui, procura-se resgatar alguns aspectos da vida desses autores.

O quarto capítulo busca refletir sobre a leitura como fonte para a história, além das bases para própria elaboração do trabalho, que, como nos diz DeNipoti, desenvolveu-se contra o pressuposto de uma leitura unificada, já que a leitura, enquanto um ato individual é um campo de construção de cada leitor.

Não há, dessa forma, como situar exatamente de que forma as obras influenciaram seus leitores, na medida em que reconstruir as informações à que se tinha ingresso na época e as produções literárias desse grupo, não é, de modo algum, a verificação de suas ações no tocante à sexualidade. Pode-se traçar uma visão geral da cultura, através de algumas impressões individuais.

No último capítulo, novamente o bibliotecário nos leva a um panorama da cidade de Curitiba em 1918. A cidade não apresentava uma grande mudança urbana. Circulavam os primeiros automóveis, e tal inovação mudava o ritmo da cidade. O ar, entretanto era tenso. Vivia-se na expectativa do fim da Primeira Grande Guerra. Além da experiência difícil que ela representou, devido ao grande número de mortes, da utilização de novas armas, da guerra de trincheiras, concomitantemente, existia a preocupação com as novas epidemias, que vinham da Europa.

Foi o caso da gripe espanhola. Tal preocupação limitou consideravelmente os espaços de lazer da Curitiba, pois se recomendava um maior recolhimento, perdendo-se as principais ocasiões de divertimento e convívio social. A situação da biblioteca não era muito diferente daquela de 1911. O acervo de livros chegou a diminuir. Na verdade, apenas na década de 50 é que se investiu verdadeiramente na organização da biblioteca pública. O estabelecimento já estava aberto as mulheres, que o freqüentavam, ainda que de forma tímida.

Em um primeiro momento, apesar das limitações oficiais, a população curitibana não se intimidou com a possibilidade de uma epidemia, mas, em menos de um mês, a gripe espanhola atingiria de forma contundente a população curitibana, gerando um grande número de mortes e uma apreensão generalizada. Nosso personagem, como tantos outros curitibanos, reais ou imaginários vêm a sucumbir com a epidemia.

Guerra e epidemia marcariam o fim do século, colocando em cheque muitas das antigas certezas e valores. Utilizando uma metáfora do próprio autor, o livro procura “tecer” considerações sobre a sexualidade através da leitura no início do século. Os “fios” de tal trabalho são os livros de registro da biblioteca, que, junto com as obras do acervo, e as produções dos leitores, produzem uma trama, uma construção do historiador sobre o passado, que através dessas representações explicita aspectos importantes das “idéias” de sexualidade, amor, casamento e as intrincadas relações que se estabeleciam entre elas. Enfim, como nos diz Wolf, o desejo de ler, é aqui analisado. O livro, além de um livro sobre os livros, nos coloca frente à leitura, ao cenário (Curitiba no início do século) e aos conceitos relativos a sexualidade no período, apresentando, de forma rica, uma abordagem historiográfica que vem se estabelecendo nos últimos tempos, que é a história através da leitura.

## Bibliografia

DENIPOTI, Cláudio. Páginas de Prazer: A sexualidade através da leitura no início do século. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1999.